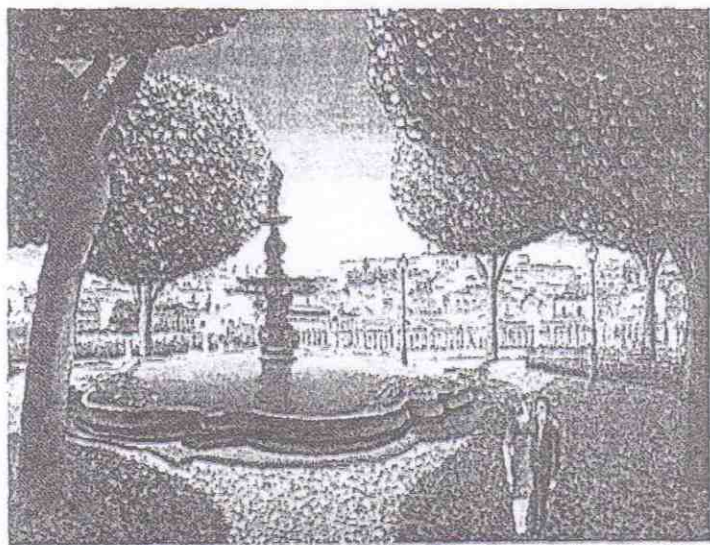


O REGRESSO DAS CORES VIVAS À «SÉTIMA COLINA»



A exposição «Lisboa Ingénuo» reúne trabalhos de quatro dezenas de pintores «naíves» portugueses no Convento dos Cardeais, a partir de segunda-feira

DO CAIS DO SODRÉ AO RATO PRIMAVERA SOPRA INICIATIVAS CULTURAIS

LANCADO sobre um terreno fértil em história, memórias e tradição, o projecto «Sétima Colina» expande-se, entre o Cais do Sodré e o Largo do Rato, por lugares com muito para contar e onde a cultura encontra espaços ideais para se expressar. Não foi por acaso que Lisboa 94 fixou como um dos seus objectivos específicos a recuperação e valorização desta área: é que as Ruas do Alecrim, da Misericórdia, D. Pedro V e Escola Politécnica encontram-se semeadas de edifícios, monumentos e jardins de inegável mas, por vezes, despercebido interesse. Para realçar as suas potencialidades, foram programadas diversas iniciativas que, durante os próximos meses, irão, decerto, permitir a afaíslhas e forasteiros (re)descobrir a chamada Lisboa romântica.

O projecto desenvolve-se em várias frentes. Há que reabilitar fachadas de edifícios ou prédios inúteis, recuperar jardins e equipamentos culturais, promover roteiros de animação pública, concertos, exposições e outras actividades.

Alguns resultados já estão à vista e outros anunciam-se para breve. «Os Anos Diferentes», de Carlos Botelho, estão em loco desde o passado dia 7 e até 28 de Abril próximo, no Palácio Galveias. Com esta exposição pretende-se dar a apreciar um lote de trabalhos deste pintor referentes aos anos 50 e desconhecidos do público em geral.

Mas há outros frutos na manga. A exposição que reúne obras de quatro dezenas de artistas «naíves» portugueses no Convento dos Cardeais, já a partir de segunda-feira, não é dos menos interessantes. O tema eleito é, precisamente, a «Sétima Colina», cuja riqueza de motivos constitui uma fonte inesgotável de inspiração para os também chamados pintores primitivos, contem-

porâneos ou modernos. Muitas faces de Lisboa para ver através do traço que, frequentemente, assumem dimensões intencionalmente desproporcionadas.

«Lisboa em Movimento»

No Arquivo Fotográfico Municipal, no final deste mês, poder-se-á ver «Sele Oitões, 100 Anos Na Vida de Uma Cidade», enquanto na Sala do Risco, de 1 a 30 de Abril, estarão em loco «Lisboa, o Chiado, Álvaro Siza Vieira». Por seu turno, o Museu da Cidade colocará «Lisboa em Movimento», a partir de 16 de Maio, através de uma retrospectiva da evolução da capital desde 1765 até à actualidade.

Mais exposições: Maria José Aguiar (Galeria EMI-Valentim de Carvalho, até 9 de Abril), painéis de azulejos de Arnold Zimmerman (Galeria Raiton, até 10 de Abril), desenho e pintura de Lisele Niza (Casa da Imprensa, até 31 de Março), desenhos de Robert Wilson para «Alice» (Galeria Cómicos, até 9 de Abril), «Primavera Surrealista» (Galeria da Carvejaria Trindade, até 1 de Abril), «Diálogos sobre Pintura na Cidade de Roma» (Teatro da Cornucópia), retrospectiva de Lina Bo Bardi (Estufa Fria, desde a passada quinta-feira) e «A Cara da Cultura» (instalação de arte pública no edifício n.º 203/207 da Rua da Escola Politécnica), entre outras.

Azulejos de Luis Camacho na Rua Mãe-d'Água, a peça «Alba Mutabilis», de Sebastião Resende, no Jardim de São Pedro de Alcântara, terças-feiras de jazz no Café Lusó, «Jantares Culturais», mensalmente, no Tavares ou as «Manobras de Maio» que, a 21 deste mês, mostrarão criações de jovens estilistas e «designers» no Largo do Século, são outras das acções de animação previstas no âmbito da «Sétima Colina».

Arquitecto Troufa Real «ressuscita» prédios moribundos

PRIMEIRO, escolheram cores vivas para formar uma paleta de tons activos e poderosos. Depois, calcioraram as ruas entre o Cais do Sodré e o Rato e «ressuscitaram» prédios sombrios e moribundos com tons como o «azul-taloio», o «verde-excitante» ou o «amarelo-barroco». A iniciativa urgia porque «Lisboa estava a ficar cinzenta e triste, como as pessoas». E surgiu então: «Agora, anda toda a gente a divertir-se com as cores da cidade», diz o arquitecto Troufa Real, fazendo o balanço de um projecto, na sequência do qual se associou ao escultor Lagoa Henriques e ao historiador José Augusto França para dar vida nova a vários edifícios de interesse histórico-cultural situados em plena Lisboa romântica, concretizando uma das várias acções do programa designado por «Sétima Colina».

Quando os responsáveis de Lisboa 94 contactaram Troufa Real, com o propósito de redescobrir as cores de Lisboa, a sua reacção foi inequívoca e sem reticências: «Achei que seria uma aventura muito interessante.»

Logo sugeriu a «contratação» de outros dois distintos «apaixonados de Lisboa», pessoas que «sempre se interessaram pela cidade antiga e, em particular, por este trajecto».

«O José-Augusto França já se tinha debruçado sobre este tema, com o mestre-arquitecto e pintor Frederico Jorge, antes do 25 de Abril, e o Lagoa Henriques, mostrou o seu amor pela capital através de uma série de programas para a televisão onde, em viagens de eléctrico, contava diversas histórias sobre este percurso.»

De resto, qualquer das três figuras conhece o itinerário da «Sétima Colina» (Cais do Sodré - Rato) como as palmas

das suas mãos, como sói dizer-se. E tem sobre o mesmo opinião coincidente em matéria de cor.

«A tese segundo a qual Lisboa tem sempre uma cor específica contrapõe uma posição «aberta»: múltiplos tons, porque a cidade sempre foi um tanto ou quanto desordenada, facto que tem a ver com uma certa liberdade própria», salienta o arquitecto Troufa Real.

Alá, não foi por acaso, como salienta aquele estudioso e observador atento das vivências da capital, que Almeida Negreiros pintou «botões de Lisboa as cores». Nem foi sem sentido que Carlos Botelho retratou Lisboa «com as cores que ela tinha na realidade», antes de entortar no «Português Suave» ou, como alguém escreveu, antes de os seus trabalhos terem ido «à livraria», uma sentença diluída pelo Estado Novo, adepto dos brancos, dos rosas e das cores tenues de eleito sapientio.

A verdade é que «estava tudo a ficar cinzento». Demasiado. «O Coliseu foi pintado



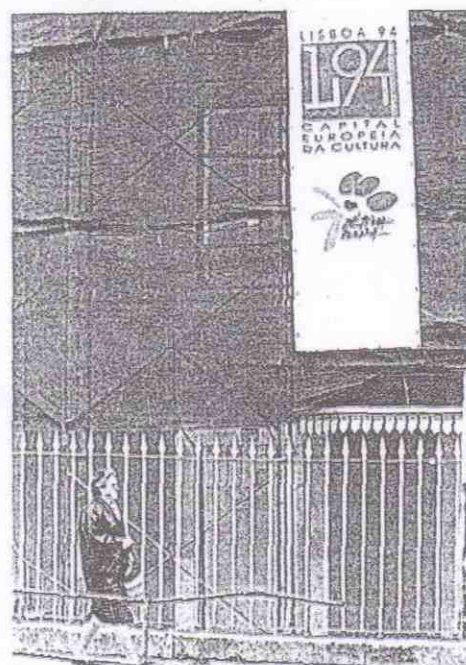
A «Sétima Colina» fez «ressuscitar

de cinzento e até a Assembleia da República vai ser, também, pintada de cinzento», exemplifica Troufa Real.

Revolução colorida

Ere necessário fazer uma revolução colorida. Mas antes, os que a congenitavam arduamente preocuparam-se em confirmar a razão do «golpe» em preparação contra as tonalidades sombrias ou as que pareciam ter um efeito (e uma intenção) indolente. A nova paleta de cores activas não cairia do céu nem seria roubada ao arco-íris de forma aleatória.

«Resultado antes de uma pesquisa por nós encetada no sentido de redescobrir as cores da cidade», explica o arquitecto Troufa Real, adiantando que «antigamente (no Estado Novo) pintavam-se os prédios de cinzento para esconder os defeitos do reboco e as fissuras da estrutura». Ou seja, «tentava-se aldrabar toda a realidade». Convictos defensores da devolução à capital



«Escavando a camada exterior dos edifícios, descobrimos cores como os amarelos, os verdes ou os azuis», revela Troufa Real

«LISBOA ESTAVA A FICAR CINZENTA COMO AS PESSOAS»



prédios sombrios e moribundos com tons como o «azul-salão», o «verde-ecitante» ou o «amarelo-barroco»

das suas cores originárias, a equipa que Lisboa 94 contactou para reanimar a «Sétima Colina» preocupou-se em desenvolver um trabalho de intensa pesquisa.

«Escavando a camada exterior cinzenta dos edifícios velhos, descobrimos que no seu interior existiam cores como os amarelos, os verdes ou os azuis, referentes a épocas mais remotas», revela o arquitecto.

Confirmadas as «suspeitas», a revolução estáou... a veia pintura.

Finalmente, a paleta de cores que tradicionalmente pintava Lisboa tornou-se visível à luz desarmada.

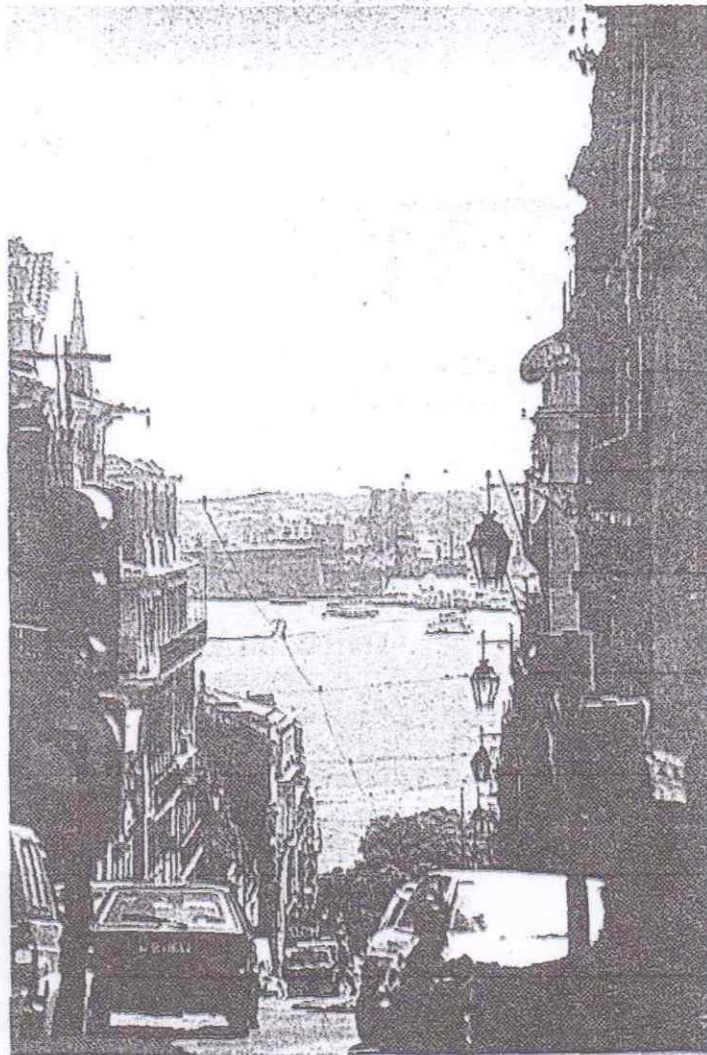
A primeira «conquista» seria, porém, ainda anterior a este plano e aconteceu mesmo antes de Lisboa se tornar Capital Europeia da Cultura. O «alvo» foi o edifício da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) do PS, em frente ao Jardim de São Pedro de Alcântara.

«Eu, o vereador João Soares e o Leonel Moura diziamos que esse edifício parecia a Albânia. Até que, felizmente, o cinzento foi trocado por um amarelo barroco, de grande festa, próprio de uma cidade da luz e não das trevas», conta Troufa Real.

Depois, já no decorrer da operação «Sétima Colina», um prédio, situado em plena Rua D. Pedro V recebeu um «azul muito salão», enquanto outro, no Largo do Príncipe Real, foi contemplado com um «amarelo muito barroco, remetendo para as Descobertas, para uma outra maneira de estar no mundo, quando chegavam barcos de Veneza, havia ciganos e salimbancos, mulheres bonitas e a cidade estava sempre em festa».

Vários edifícios foram, assim, «ressuscitados», às vezes, de forma inesperada.

«Houve o caso de um prédio cinzento a que nós destinávamos uma determinada tonalidade verde, mas a sua pro-



O projecto «Sétima Colina» é, ao mesmo tempo, um dos ambiciosos e populares de Lisboa 94

prietária, uma octogenária, sugeriu um verde mais aberto, mais excitante», recorda Troufa Real, confessando: «Para ser franco, gostava de ter sido eu a escolher aquela cor.»

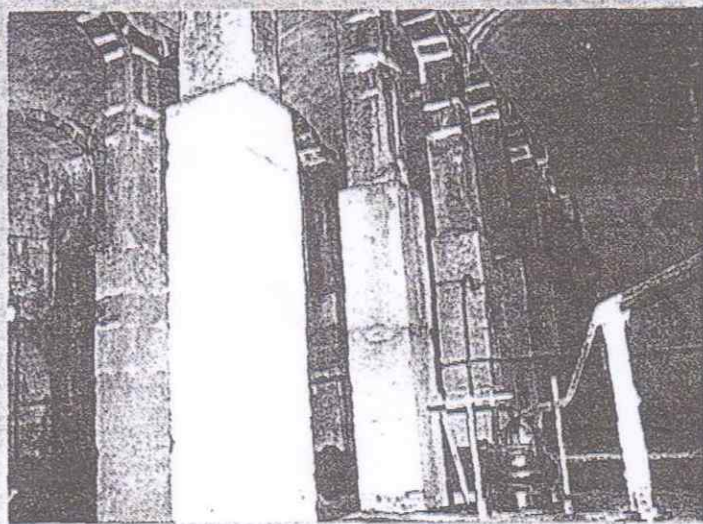
Então, ainda há muito a fazer para consolidar a «re-

volução colorida». A Praça do Comércio, onde «trocaram a cor ocre pelo rosa de que o Estado Novo tanto gostava», é disso apenas um exemplo.

No entanto, os mentores deste projecto não têm dúvi-

das de que já puseram a bola em campo e «agora anda tudo aos chulos».

«Estamos à espera que despertem novos Almadas Negreiros, pois há muito trabalho pela frente», diz o arquitecto Troufa Real.



PATRIARCAL SÓ EM JULHO — As obras de recuperação do depósito de água lisboeta, no subsolo do Príncipe Real, geralmente designado por a Patriarcal, estarão concluídas em Julho, segundo a EPAL. A recuperação da Patriarcal é fundamental para a realização do programa «Sétima Colina» da Lisboa 94 — Capital Europeia da Cultura. Quando se perspectivava, face aos custos a suportar para a realização da obra, a desistência do projecto, a sociedade Lisboa 94 e a EPAL conjugaram esforços para que as obras se iniciassem rapidamente, de modo a estarem concluídas em Julho. A EPAL vai suportar uma despesa de 50 mil contos, apesar de a previsão inicial ter sido apenas de 35 mil contos, incluída no investimento para 1994. A sociedade Lisboa 94 contribuirá com 15 mil contos.